

A Catequese como caminho aberto para um autêntico diálogo pastoral numa cultura *onlife*

Dione Afonso Rodrigues Pereira¹

Resumo: Em 2020, o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização lançou o *Diretório para a Catequese* (DiC). O texto expressa a vontade de “aprofundar o papel da Catequese na dinâmica da Evangelização” (DiC, 5) como “uma ferramenta para a elaboração do Diretório Nacional ou local (...) e que os Catequistas encontrarão sustento e desafio em seu ministério diário de amadurecimento na fé de seus irmãos e irmãs” (DiC, 10). Diante do Grupo Temático (GT) 4: “Pastoral, Cultura Digital e Novas Tecnologias”, e, servindo dos termos “catequese no estilo dialógico” e “catequese como autêntico ‘laboratório’ de diálogo” (cf. DiC, 54), pretendemos apontar caminhos nesta proposta pastoral da escuta e do diálogo aberto e sincero na vida eclesial e na cultura digital. Vivemos num tempo em que o sujeito *online* e *offline* não se sustenta mais. O filósofo italiano Luciano Floridi nos apresenta o *onlife*: uma nova experiência de uma realidade *hiperconectada* que nos une num só e oferecerá luzes para uma possível “Pastoral de Conjunto”.

Palavras-chave: Catequese. *Onlife*. Cultura Digital. Diálogo. Pastoral de Conjunto.

INTRODUÇÃO

A introdução deste breve trabalho trata das primícias motivacionais que conduziram o porquê de tal investigação. Começamos partindo de uma experiência real e prática numa paróquia do interior de Minas Gerais, situada na Zona da Mata. No município de Manhumirim-MG, com os seus 20.613 habitantes, segundo dados do IBGE do censo de 2022², encontramos a Paróquia Bom Jesus de Manhumirim subdividida em 30 pequenas comunidades eclesiais de base situadas nas zonas rural e urbana. É nesta realidade que nos encontramos: entre pessoas simples e sedentas por Deus e que buscam cultivar a fé num ambiente que ao mesmo tempo é devocional – devotos do Bom Jesus – e de fé participativa com seus trabalhos pastorais e de evangelização.

Em 2022, um desejo partiu latente do pároco local e de um grupo de catequistas responsáveis pela Turma da Crisma. Eles percebiam que a evangelização com os jovens da paróquia não estava, de certo modo, levando-os a uma experiência de vida de comunidade. Segundo o que partilhavam, era nítido o despreparo da catequese com essas turmas jovens quando se viam quase 200 jovens crismando todos os anos no Santuário do Bom Jesus, situado no centro da cidade, e quase não se viam estes jovens em suas comunidades locais e nem

1 Graduado em Filosofia pela FAJE, BH-MG. Graduado em Jornalismo pela PUC Minas. Graduando em Teologia pela FAJE. E-mail: odionecomd@gmail.com.

2 Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/manhumirim.html>. Acesso: 03.09.2024.

nas ações pastorais da paróquia. Quando, em 2019, o Papa Francisco se debruçou sobre o tema da juventude numa perspectiva sinodal, ele afirmou que os jovens

sofreram os embates das mudanças sociais e culturais. Nas estruturas atuais, muitas vezes não encontram respostas para suas inquietações, necessidades, problemáticas e feridas. (...) Torna-se necessário, no entanto, aprofundar a participação desses na pastoral de conjunto da Igreja, bem como em uma maior comunhão entre eles em uma melhor coordenação da ação (...) a urgência de que eles tenham um protagonismo maior nas propostas pastorais (ChV, n.202).

Ao propormos uma Catequese como caminho aberto, propomos uma experiência nova. Nova, não no sentido de que nunca se fez, pelo contrário, mas é nova no sentido de que a Paróquia do Bom Jesus de Manhumirim precisa alçar novos itinerários pastorais para a sua catequese, a fim de buscar aperfeiçoar sua atividade pastoral junto dos jovens crismados. Portanto, neste trabalho iremos conhecer uma experiência pastoral teórico-prática com um grupo de 20 catequistas da Crisma, em formação, de quase todas as comunidades desta paróquia.

A experiência bebe de uma fonte primordial: as Sagradas Escrituras, aquela fonte única capaz de nos saciar a sede e de nos oferecer a água da vida; depois temos “dois baldes³” que nos auxiliarão a saciarmo-nos nesta estrada. O primeiro é o Documento da CNBB, número 107, aprovado em 2017 e que trata diretamente do método da IVC – Iniciação à Vida Cristã. Sentimos o desejo de experimentar um modelo que já é antigo na Igreja, mas que, infelizmente ficou esquecido em nossas gavetas, no porão das nossas comunidades, como fazemos com tantos outros documentos e encíclicas do Magistério da Igreja. “Nos encontramos numa nova etapa evangelizadora (...) É urgente a revisão de nosso processo de transmissão da fé” (CNBB, Doc.107, n. 1). O outro “balde” é o Diretório para a Catequese que o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização lançou em 2020. É deste texto que as expressões “catequese no estilo dialógico” e “catequese como autêntico ‘laboratório’ de diálogo” (DiC, n.54) nos inspiraram nesta nova empreitada pastoral.

“Dá-me de beber⁴” (Jo 4,7), é o pedido de Jesus à mulher samaritana. Um encontro que parecia propor mais desencontros que proximidade. Mas os fatos históricos, culturais, religiosos e sociais não impediram que o diálogo acontecesse e a fé fosse anunciada. Tal ambiente, com todas as suas contradições humanas e com seus desafios pode se configurar em tantos outros ambientes entre nossas comunidades em nossa paróquia. Não é fácil encontrar-se. Mas o encontro é uma ação simples e despretensiosa. Sabemos que “o processo de Iniciação à Vida Cristã requer novas disposições pastorais. São necessárias perseverança, docilidade à

3 Um dos elementos fortemente trabalhados nos encontros de formação nos moldes da IVC é o símbolo na catequese. Veremos mais adiante.

4 Todas as citações bíblicas neste trabalho seguem a tradução da A Bíblia, da Paulina Editora, 2023.

voz do Espírito, sensibilidade aos sinais dos tempos, escolhas corajosas e paciência” (CNBB, Doc.107, n. 9).

O trabalho pastoral que este artigo investiga está em construção. Estamos na primeira etapa do processo, na qual o grupo de catequistas se encontra, “na sala de cima”, tal qual os discípulos e as discípulas no início da Igreja⁵, reúnem-se e promovem encontros interativos e, inclusive, no nosso caso, também digitais. A assessoria é oferecida à distância, mas o grupo se reúne para refletir e partilhar juntos as experiências. O Caminho que se abre é aquele do diálogo pastoral ou da sinodalidade, do caminhar juntos, da chamada “Pastoral de Conjunto”. Tal caminho encontra na Cultura *Onlife*, patenteada pelo filósofo italiano Luciano Floridi (1964 -) uma perspectiva sinodal de encontro e de ação missionária da transmissão da fé e da evangelização com as Novas Gerações.

1 PROPOMOS UM ITINERÁRIO, UM CAMINHO DE PERTENCIMENTO

No Documento de Aparecida, quando se fala de Pastoral de Conjunto, recorda que é preciso que todos os movimentos, organizações pastorais e sociais, pequenas comunidades “ofereçam uma visão de conjunto e a convergência das diversas iniciativas”. Ainda complementa sobre o processo de formação de lideranças, para que a “eficácia do processo seja acompanhado por pessoas com pedagogias dinâmicas, ativas e abertas” (cf. DAp, n. 281). Esse estilo pastoral, que hoje ganha força no processo sinodal é continuamente criticado por conta de “seus métodos aplicados”, que, nem sempre “estão atualizados. Os serviços catequéticos das paróquias frequentemente carecem de colaboração próxima das famílias” (DAp, n. 296).

Na IVC, o itinerário que se propõe, conta com tal colaboração entre agente de pastoral e comunidade; entre catequista e família; entre clero e leigo; entre jovens e idosos. Não é um caminho separado e ele não suporta liderança apegada ao serviço pastoral. Mas é um caminho livre. Atualmente nossas paróquias e comunidades sofrem com a falta de pessoas disponíveis para a evangelização, ao mesmo tempo em que sofre com aqueles que já estão uma eternidade na pastoral e que por conta de tal apego não conseguem atualizar a missão e a catequese. O que fazer?

Por isso, a proposta de um “caminho aberto” para um possível “diálogo pastoral”. O primeiro passo é resgatar a importância e o valor, a presença e participação ativa do cristão leigo e leiga conscientes na vida de comunidade. Homens e mulheres que não se deixam levar por qualquer ideologia e que continuam firmes na Palavra de Deus e na ação pastoral. Nesse sentido, o encontro de Jesus com a mulher da Samaria nos desperta para este caminho, quando ela, após o encontro com Jesus, se encontra numa situação decisiva: ir dar testemunho de que, de fato, conheceu o Senhor.

5 Atos dos Apóstolos 1, 12-14.

O primeiro anúncio abriu caminhos para uma adesão que gerou vida nova aos discípulos. O que se iniciara por uma experiência pessoal e individual, desdobrou-se em vivência de comunidade de fé. Nesse sentido, é que entendemos que um processo consistente de Iniciação à Vida Cristã é indispensável ao tipo de missão que os novos interlocutores de hoje estão pedindo à nossa Igreja (CNBB, Doc.107, n. 36. 38).

Dentre os encontros de formação com os catequistas, o Diretório para a Catequese nos alerta: “A Catequese jamais pode ignorar o Mistério Pascal como qual a salvação foi dada à humanidade e que é o fundamento de todos os sacramentos e a fonte de toda a graça” (DiC, n.171). Os sacramentos na vida do adolescente e do jovem, bem como na vida de cada um de nós, adultos na fé, não são pontos de chegada, mas, sim, são o ponto de partida de vivência da fé e do Mistério Pascal de Cristo. Contudo, apenas uma boa IVC é capaz de dar aos sacramentos o seu significado e sua relevância na vida da Igreja na vivência de comunidade.

Era assim com as primeiras comunidades cristãs: a pessoa que procurava participar das reuniões em torno da Palavra e do Pão era iniciada, e, no processo, pedia o sacramento. Era batizada e participava mais ativamente da Igreja. Hoje, parece que a Catequese busca fazer o caminho inverso: o sacramento é o foco central do processo catequético, qual o problema nisso? O Catequista não se envolve e não insere o catequizando na vida de fé da Igreja. É preciso mudar, e essa mudança se chama conversão pastoral. Para tanto, a IVC

não significa reproduzir, ao pé da letra, o catecumenato, mas assumir seu estilo e dinamismo formativo, respondendo também à ‘necessidade de uma renovação mistagógica, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada comunidade educativa’ (EG, n. 166). O catecumenato tem uma intrínseca perspectiva missionária, que, com o passar do tempo, foi se enfraquecendo na catequese (DiC, n. 64).

Portanto, é importante uma reflexão sobre os métodos, perspectivas, narrativas e metodologias na Catequese. Como afirmamos na introdução, um aspecto positivo e que vem fazendo a diferença é o resgate da dimensão simbólica na Catequese, elemento forte na dinâmica da IVC. Além da linguagem simbólica, também a litúrgica e a bíblica fornecem um diferencial positivo. “A Igreja (...) nos ensina a linguagem da fé para nos introduzir na compreensão e na vida de fé” (CIgC, n. 170-171). Assim como, também, a linguagem digital e suas ferramentas. Passar de uma comunicação unidirecional para a comunicação interativa e dialogal. “A realidade virtual não pode substituir a realidade espiritual e eclesial vivida no encontro direto entre as pessoas” (DiC, n. 217).

2 O DIÁLOGO PASTORAL NUMA CULTURA *ONLIFE*

À pergunta, – por que falar de Internet e Redes Sociais na Catequese? – ficamos com a afirmação de Antônio Spadaro, padre Jesuíta, quando veio ao Brasil, em 2014: “A Rede não é mais um instrumento que se pode ou não usar. Ela é um lugar, mas, não um ‘lugar’ específico dentro do qual se pode entrar em alguns momentos para viver *online*. A internet é um lugar de experiência” (SPADARO, 4º Encontro Nacional da PASCOM).

Inevitavelmente, o Diretório para a Catequese não fica às margens do tema da Cultura Digital no processo Catequético e destina um subtítulo apenas para tratar deste assunto: “o digital, que não corresponde somente à presença de meios tecnológicos, de fato caracteriza o mundo contemporâneo e sua influência tornou-se, em pouco tempo, ordinária e contínua” (DiC, n. 359); “A internet e as redes sociais criam uma oportunidade extraordinária de diálogo, encontro e intercâmbio entre as pessoas, bem como de acesso à informação e ao conhecimento” (DiC, n. 360). Um destaque também foi dado aos perigos ao usar estes meios: “Deve-se reconhecer, no entanto, que o ambiente digital é também um território de solidão, manipulação, exploração e violência [...] Os meios de comunicação podem expor ao risco de dependência, isolamento...” (DiC, n. 361). São 15 parágrafos destinados ao tema da Cultura Digital e Catequese, presentes no Diretório.

E mais, a nova versão do Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil (DCIB) apresenta, em seu capítulo III o tema “Catequese, processos e meios de comunicação”, e afirma que:

As redes sociais digitais, presentes na vida de grande parte dos catequizandos e das catequizandas, são outra oportunidade de encontro e reflexão no processo catequético. Tais redes podem integrar na Catequese novas possibilidades de participação efetiva na vivência cristã. Para que isso ocorra, faz-se necessária, nesse ambiente midiático, uma interação entre fé e vida, ao compartilhar os valores evangélicos e o testemunho cristão. (...) No paradigma de catequese híbrida ou *onlife*, acentuado na pandemia de Covid-19, é recomendável que as paróquias contem com um ambiente preparado para a comunicação presencial e digital... (DCIB, n. 98).

Como proporcionar o encontro pessoal com Jesus Cristo também nas redes digitais? “É importante ajudar a não confundir os meios com o fim, a discernir como navegar na rede, de modo a crescer como sujeitos e não como objetos e ir além da técnica para encontrar uma humanidade renovada na relação com Cristo” (DiC, n. 372). Nessa seara da comunicação Floridi cunha o termo *onlife* na qual “refere-se à nova experiência de uma realidade hiperconectada dentro da qual não é mais sensato perguntar se alguém pode estar *online* ou *offline*” (FLORIDI, 2012, p. 1).

Silva, numa instigante pesquisa sobre Catequese Digital afirma que “não podemos mais ver a criança ou o jovem como mero receptor, alguém carente de conhecimento que precisa receber isso de mim” (SILVA, 2021, p. 177). Lembra dos 2 baldes que enunciamos acima? Pois bem, de nada eles valerão se não estiverem cheios e transbordantes da Palavra de Deus.

A catequese colhe sua mensagem da Palavra de Deus, que é a sua principal fonte. Portanto, é “fundamental que a Palavra revelada fecunde radicalmente a catequese e todos os esforços para transmitir a fé” (EG, n. 175). A Sagrada Escritura, que Deus inspirou, alcança profundamente a alma humana, mais do que qualquer outra palavra. A Palavra de Deus não se exaure na Sagrada Escritura, porque é uma realidade viva, atuante e eficaz (Is 55, 10-11; Hb 4, 12-13) (DiC, n. 91).

A dimensão simbólica da Catequese é algo que precisa ser resgatado. A capacidade do ser humano de não saber mais ler os símbolos não é algo do nosso tempo, é uma herança pós-moderna que fez penetrar na humanidade um “espiritualismo abstrato que contradiz a própria natureza do homem, espírito encarnado e, portanto, em si mesmo, capaz de ação e compreensão simbólica” (DD, n. 28). O Papa Francisco, ainda reitera em sua Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* que “uma celebração que não evangeliza não é autêntica, tal como não o é um anúncio que não leve ao encontro com o Ressuscitado” (DD, n. 37). Hoje, é urgente “recuperar a capacidade de utilizar e de compreender os símbolos na Liturgia” (DD, n. 44b). Recuperar e se deixar mover e se transformar pela simbologia presente na Criação, na natureza, no simples da vida e na Catequese.

Vivemos numa era em que o avanço das TICs – as Tecnologias da Informação e Comunicação – avançaram muito mais do que esperávamos (Floridi), e muitas referências, ideologias, conceituações caíram por terra. O tempo em que vivemos está nos deixando com aquela sensação de que, ou a gente corre junto com todos, ou nós somos esmagados pelas transformações desenfreadas e o frenesi social nos atropelaria deixando-nos para trás. Perde, nesse ponto algo essencial para a vida humana:

A humanidade (está despreparada) para aproveitar ao máximo seu recurso mais precioso, o tempo. As tecnologias são usadas para economizar tempo primeiro e depois para matá-lo. Então, uma das questões políticas urgentes que enfrentamos nas sociedades de informação avançada é: em que tipo de projeto humano estamos trabalhando? [...] O que é, em última análise, finito, precioso, não renovável, e não compartilhável é, na verdade, o tempo. Ao falar sobre recursos atencionais finitos, também deveríamos nos preocupar com a “atenção-tempo” dedicado a algo, porque isso não é ilimitado nem substituível (FLORIDI, 2012, p. 22) [Tradução própria].

E o Papa Francisco, na sua Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social também esclarece que

Conta Jesus que havia um homem ferido, estendido por terra no caminho, que fora assaltado. Passaram vários ao seu lado, mas... foram-se, não pararam. Eram pessoas com funções importantes na sociedade, que não tinham no coração o amor pelo Bem Comum. Não foram capazes de perder uns minutos para cuidar do ferido ou, pelo menos, pedir ajuda. Um parou, ofereceu-lhe proximidade, curou-o com as próprias mãos, pôs também dinheiro do seu próprio bolso e ocupou-se dele. Sobretudo deu-lhe algo que, neste mundo apressado, regateamos tanto: deu-lhe o seu tempo. Tinha certamente os seus planos para aproveitar aquele dia a bem de suas necessidades, compromissos ou desejos. Mas conseguiu deixar tudo de lado à vista do ferido e, sem o conhecer, considerou-o digno de lhe dedicar seu tempo (FT, n. 63).

Acreditamos que a IVC – Iniciação à Vida Cristã também passa por aí. A grande diferença de uma catequese que transforme a vida de nossos jovens está no momento em que decidimos dedicar um pouco do nosso tempo, bem mais precioso que temos para evangelizar alguém que ainda não conhecemos.

CONCLUSÃO

Nosso trabalho ainda não cabe uma conclusão definitiva, pois, como afirmamos, esta experiência pastoral encontra-se em seu primeiro estágio. Estamos concluindo o ciclo de formação com a primeira turma de 20 catequistas da Paróquia Bom Jesus de Manhumirim-MG que duraram todo o ano de 2024. Foram 12 encontros inspirados no método da IVC que abordaram temas que vão desde a eclesiologia até o Magistério da Igreja.

A proposta é que na abertura do novo ciclo litúrgico, no I Domingo do Advento – que neste ano se dará em 01 de dezembro – seja a abertura da Catequese com nova turma da I Etapa da Crisma com estes catequistas que passaram pela experiência. No primeiro dia, seja feita uma Festa da Acolhida com os jovens iniciantes no processo crismal com dinâmica de convivência e de partilha. Assim, quebra-se mais um estereótipo ainda muito presente em nossas paróquias e comunidades que é a catequese que se rege pelo calendário escolar, esquecendo-se do calendário da Liturgia da Igreja. Sabemos que “não podemos transmitir qualquer conteúdo relacionado à fé, ou ensinar de qualquer jeito normas e doutrinas, como se estivéssemos colocando fardos pesados nas costas dos catequizandos” (SILVA, 2021, p. 206).

Portanto, precisamos desenvolver métodos que incentivem à participação e que faça desenvolver atrativos para a missão e a evangelização. Nossa “Igreja não cresce por proselitismo, mas ‘por atração’” (EG, n. 14). Agora, cabe a nós nos perguntar: minha catequese

é atraente? A comunidade em que participo é um lugar que atrai os nossos jovens? Nossas liturgias são capazes de atrair as pessoas para um caminho de conversão e transformação?

Olhando para nossa ação pastoral hoje: estamos prontos para abandonar antigos métodos pastorais que funcionaram na Catequese do passado e que já não correspondem mais, afim de abraçar um percurso diferente e que pode inovar em nossa tarefa evangelizadora? Nossa catequese está preparada para o hoje, ou ainda olha para o passado com saudosismo pastoral? Nossa catequese é uma pastoral acolhedora, atraente e evangelizadora, ou se fecha em uma sala com suas cadeiras e mesas? Estamos prontos para nos encontrar com gerações mais novas de jovens que vivem em outro universo, são *experts* com as tecnologias?

Enfim, ainda temos muitas perguntas, mas o importante é o itinerário que nos dispomos a fazer e com quem fazer. Voltamos naquela palavra do Documento de Aparecida (2007) sobre a Pastoral de Conjunto. Independente do caminho que estamos dispostos a percorrer, é preciso um esforço de todos juntos; de toda a comunidade. “Não se trata de fazer apenas ‘reformas’ na Catequese, mas de rever toda a ação pastoral, a partir da Iniciação à Vida Cristã” (CNBB, Doc. 107, n. 138). Caso contrário, o caminho nunca se abrirá para um autêntico diálogo pastoral numa cultura *onlife*.

REFERÊNCIAS

CELAM. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

CNBB. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. Edição atualizada. Documentos da CNBB, 99. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CNBB. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Documentos da CNBB, 107. Brasília: Edições CNBB, 2017.

FLORIDI, L. *The Online Manifesto. Being Human in a Hyperconnected Era*. New York: Springer, 2015. Disponível em: <https://www.springer.com/gp/book/9783319040929>. *E-book*.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi* sobre a formação litúrgica do Povo de Deus. Documentos Pontifícios, 53. Brasília: Edições CNBB, 2022.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit* para os jovens e para todo o povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese*. São Paulo: Paulus, 2020.

SILVA, A. A. – *Catequese Digital: por onde começar?* São Paulo: Paulus, 2021.